

**QUINTAIS PRODUZINDO A VIDA DA CIDADE:
COMO ESPAÇOS CULTIVADOS DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO
SE CONFIGURAM COMO MOVIMENTO DE CONSTRUÇÃO DE SOCIALIDADES E
AFETOS¹**

Andrea **Barbosa**²

Resumo

Partimos de uma prática etnográfica a partir de uma antropologia da cidade no sentido construído por Michel Agier onde a cidade não é uma definição a priori, mas uma construção relacional e contextual, uma prática urbana complexa e inventiva como diria Michel de Certeau, para olharmos para os quintais cultivados presentes na região metropolitana de São Paulo, em especial no Bairro dos Pimentas, Guarulhos e Nos bairros da zona leste da cidade de São Paulo. Percebemos um movimento produtivo interno no desenho dos quintais, mas também um movimento que parte dele para fora. Movimentos de contração e expansão tecendo as tramas que urdem tanto a constituição da pessoa que planta quanto de uma socialidade interespecífica. Estamos atentos no sentido de perceber como esses movimentos se articulam buscando compreender, justamente, esse emaranhado de circulação de vidas – humanas e não humanas (Ingold) - que produzem a vida urbana.

Palavras-chave: quintal, antropologia urbana, socialidade interespecífica, cultivo urbano, São Paulo

**BACKYARDS PRODUCING CITY LIFE:
HOW CULTIVATED SPACES IN THE METROPOLITAN REGION OF SÃO PAULO
ARE CONFIGURED AS A MOVEMENT FOR THE CONSTRUCTION OF
SOCIALITIES AND AFFECTIONS**

Abstract

We start from an ethnographic practice based on an anthropology of the city in the sense elaborated by Michel Agier where the city is not an a priori definition, but a relational and contextual construction, a complex and inventive urban practice as Michel de Certeau would say, to look at the cultivated backyards present in the metropolitan region of São Paulo, especially in Bairro dos Pimentas, Guarulhos and in the neighborhoods of the east zone of the city of São Paulo. We perceive a productive movement within the design of the backyard itself, but also a movement that starts from it outside. Movements of contraction and expansion weaving the lines that weave both the constitution of the person who plants and of an interspecific sociality. We are attentive in the sense of perceiving how these movements are articulated, seeking to understand, precisely, this tangle of circulation of lives – human and non-human (Ingold) – that produce urban life.

Keywords: Backyard, Urban Anthropology, interspecific sociality, urban gardening, São Paulo.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2023

Aceito em: 21 de março de 2023

¹ Este artigo é fruto da pesquisa realizada com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2021/10075-4. Agradeço a enorme colaboração de todos que me receberam em seus quintais e se tornaram amigos e interlocutores e que estão presentes no texto. Aos amigos que propiciaram os nossos encontros como Kennedy Valério, Marina Sena e Ligia de Lócco e as pessoas amantes dos quintais que conheci no percurso em especial Claudia Visoni, Ana Salles e Guilherme Ranieri. Agradeço também a parceria de Marcia Cristina Josefa da Silva que realizou pesquisa de iniciação científica com bolsa PIBIC-CNPq (2021-2022) vinculada a esta pesquisa. E, sempre, agradeço a Edgar Teodoro da Cunha pela intensa parceria que o faz, muitas vezes, se emaranhar no campo comigo.

² Universidade Federal de São Paulo, Brasil. E-mail: cmmb66@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0399-8171.

Dou respeito a coisas desimportantes
E aos seres desimportantes
Prezo mais insetos que aviões
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que as dos mísseis
tenho em mim esse atraso de nascença
e fui aparelhado para gostar de passarinhos
tenho abundância de ser feliz por isso
meu quintal é maior do que o mundo
Manoel de Barros

O cultivo de plantas ornamentais, comestíveis e medicinais, em quintais e jardins, não é algo recente no mundo que chamamos de ocidental. Há registros dessas práticas de cultivo de frutas, hortaliças e ervas nesses ambientes “privados” desde a antiguidade seja de forma combinada ou não com vegetação ornamental (Zaar, 2011; Nagib, 2016). De um modo geral, foi somente com o crescimento intenso das cidades, na virada do século XIX para o século XX, “que a antiga associação entre agricultura e meio urbano começou a se romper, com a transferência da produção de alimentos para áreas externas às cidades” (Caldas e Jayo, 2019). O plantio nas cidades começou a ser considerado uma questão “paisagística”, num movimento que especializa a prática do cultivo para uma estética da paisagem, dissociando-a de outras interações nas quais está enredada, como a relação cultural entre pessoas e grupos e algumas espécies vegetais e mesmo a produção da própria existência associada à prática do cultivo. Essa dissociação nega, inclusive, a relação estética que se produz na constituição dessas relações mais difusas e diversas. O espaço da cidade precisa ser controlado, organizado segundo um discurso de poder que produz o que é bom e bonito e o que não é. Vemos, por exemplo, as grandes reformas urbanas, movidas pelo aburguesamento das metrópoles, ocorridas na virada de século mencionado anteriormente, onde as casas (e seus quintais), que permaneciam no centro comercial e político das cidades, foram derrubadas para dar lugar a grandes avenidas com canteiros ajardinados, parques e jardins públicos planejados³. Pequenos jardins ornamentais e ordenados são admitidos em zonas residenciais mais centrais e os quintais como espaços de plantio mais heterogêneos, polimórficos e diversos biologicamente foram sendo cada vez mais afastados de uma cidade-vitrine do desenvolvimento burguês

³ Projetos de embelezamento, ordenação e higienização como os de Hausmann, em Paris, e Pereira Passos, no Rio de Janeiro, são exemplos paradigmáticos desse processo. Ver: Benchimol (1992), Sevcenko (2010), Abreu (2003).

e de seus ideais de modernidade. Essa lógica excludente acompanhou o crescimento das metrópoles ao longo do século XX e no início do XXI. Para nós, torna-se relevante que, embora a presença dos quintais tenha diminuído bastante, essa produção plural em pequena escala nunca desapareceu e volta a se intensificar após os anos de 1970 e 1980, com preocupações ambientalistas, de sustentabilidade e de segurança alimentar em forma de ativismo político. Um exemplo, nesse sentido, é o movimento “Guerrilla Gardening” iniciado em Nova York (EUA) nos anos de 1970, que se espalhou por vários locais, e que é definido como uma atuação realizada por indivíduos ou grupos que, de forma incógnita, plantam, flores, vegetais e espécimes botânicos, em geral, em lugares públicos como uma forma de atrair a atenção para os efeitos perversos desse projeto de cidade. Este ativismo congrega diferentes formas de ação, incluindo intervenções artísticas⁴.

No Brasil, embora um ativismo com viés mais artístico não tenha tido muita expressividade, os plantios em áreas públicas começam a ganhar força a partir dos anos 1980. Nesse início, os plantios nas regiões mais populares foram incentivados por ações de organizações não-governamentais e por políticas públicas dos primeiros governos democráticos eleitos após o período da Ditadura Militar (Caldas e Jayo, 2019). Mais tarde, a partir dos anos 2000, os plantios em regiões mais abastadas da cidade foram impulsionados por um ativismo agroecológico (Nagib, 2020).

Incentivos governamentais à constituição de hortas comunitárias em São Paulo datam de 1983, com um conjunto de políticas públicas que oferecem insumos e implementos como ferramentas e sementes, e ainda operam com a cessão de alguns terrenos que, na época, pertenciam à Eletropaulo, empresa estatal de energia elétrica. Nesse contexto, também foram estimulados os cultivos em quintais.

O reflexo desta mobilização foi o desenvolvimento, entre 1983 e 1986, de cerca de 248 mil hortas domiciliares e 4700 hortas comunitárias e escolares em praticamente todas as cidades do estado de São Paulo, colaborando com a complementação alimentar de mais 2 milhões de pessoas. (Caldas e Jayo, 2019:60).

A questão mobilizadora dessas políticas era a segurança alimentar da população mais pobre. Contudo, não podemos perder de vista que nessas regiões mais periféricas, como a zona leste da cidade de São Paulo, e em bairros como o dos Pimentas, na cidade

⁴ *The Subversive Gardener*. Disponível em: <https://www.subversivegardener.com/>. Há vários outros grupos espalhados por vários locais no globo. Ver site Guerrilla Gardening (<http://www.guerrillagardening.org/>) e Reynolds (2008).

de Guarulhos, o plantio diverso e produtivo nos quintais das casas já era uma prática muito comum e difundida desde o estabelecimento dos loteamentos ou ocupações nos anos 1950 e 1960. Esse cultivo, muitas vezes, era o que garantia a alimentação de famílias que moravam em bairros populares autoconstruídos, que não tinham acesso ao comércio perto de suas moradias e, quando tinham, era a pequenas mercearias que vendiam produtos industrializados a preços altos. D. Maria⁵, nossa interlocutora na pesquisa e moradora do Bairro dos Pimentas, em Guarulhos, afirma que as verduras e legumes que ela plantava no seu quintal eram, muitas vezes, as únicas coisas que tinha para comer. “O comércio era longe e caro e eu sabia plantar porque aprendi desde pequena lá na Bahia, com minha mãe”. Como ela, muitas outras pessoas tinham em suas casas, em seus pequenos quintais, plantios que ajudavam na alimentação cotidiana. As políticas foram um incentivo a ampliação de práticas já existentes.

A Associação de Agricultores da Zona Leste (AAZL)⁶, tem sua história ligada a essas políticas iniciais dos primeiros governos democráticos e ainda seguem produzindo nos dias de hoje. Atualmente, ela congrega 14 hortas em São Mateus, São Miguel Paulista, Guaianases e Cidade Tiradentes, bairros da zona leste da cidade de São Paulo. Muitos dos cultivos dos agricultores da AAZL estão situados em terrenos da companhia de transmissão de energia elétrica, mas também sobre adutoras da empresa estadual de águas e saneamento (Sabesp), ou dutos da empresa estatal de petróleo (Braspetro), seguindo o modelo praticado desde a década de 1980. Dona Sebastiana, por exemplo, que planta em uma área embaixo de torres de transmissão da Eletropaulo lembra que, antes dela,

lá já existia o seu Antônio plantando há 15 anos o que nos motivou muito, pois vendia seus produtos na porta, educou os filhos naquela horta, que era a única fonte de renda dele, e acreditava muito no que fazia⁷.

As análises que encontramos sobre estes movimentos estão atentas à relação e importância que essas práticas de plantio têm para a dinâmica do sistema econômico e ecológico das cidades e ao que as diferenciaria das práticas de agricultura no meio rural, levando-as a utilizar o termo “agricultura urbana” (AU). Existem diferentes definições

⁵ Os nomes de nossos interlocutores citados no texto podem ser fictícios ou não, conforme autorizado por eles.

⁶ Associação de Agricultores da Zona Leste. Disponível em: <https://agricultoreszonaleste.org.br>.

⁷ Depoimento de D. Sebastiana, ao site da AAZL.

para o que seria a agricultura urbana, mas uma que nos parece abarcar a diversidade que nela se expressa é a de Mougeout (2000: 11) que delineia a agricultura urbana como uma atividade de cultivo ou criação, incluindo processamento e distribuição, realizada no interior ou na periferia de uma cidade, de uma diversidade de produtos alimentícios e não alimentícios em intensa troca com pessoas e materiais disponíveis na região. A ideia de troca nos chama a atenção porque se abre para além da produção agrícola, incorporando trocas subjetivas como a troca de saberes e vínculos sociais e humanos. Outra questão interessante dessa definição é que o tamanho ou tipo de local onde se produz não é um limitador e podemos levar em conta tanto locais com grande área e mais comercial, quanto pequenos espaços, sejam eles domésticos ou coletivos.

A pesquisa de Caldas e Jayo (2019) é muito interessante para percebermos a prática de cultivo em São Paulo nos últimos 40 anos, e para mapearmos essas iniciativas mais coletivas em sua relação com as políticas públicas. Nesse esforço de sistematização eles dividem essas iniciativas em dois tipos (“AU de escala” e “AU de visibilidade”). É justamente esse tipo de cultivo feito na zona leste, exemplificado pelas hortas da AAZL, que produz alimentos para a população local (ou distribui para outros locais) com regularidade e volume, que os autores denominam de “agricultura urbana de escala”. As iniciativas mais recentes, iniciadas após os anos 2000, são classificadas como “agricultura de visibilidade”, pois não possuem essa finalidade de suplementar a alimentação da população local, mas atuam de forma importante para uma educação ambiental e na articulação de diferentes iniciativas espalhadas na cidade numa rede colaborativa. Em pesquisa etnográfica recente (Nagib, 2018, 2020; Machini, 2018) sobre as hortas comunitárias de São Paulo e em especial a Horta das Corujas⁸, uma horta bastante emblemática desse ativismo comunitário, podemos acompanhar essa atuação em rede dos grupos que constroem e cuidam das hortas comunitárias e perceber sua atuação no sentido

⁸ A horta das Corujas surgiu a partir da iniciativa, em julho de 2011, de Tatiana Achcar e Claudia Visoni (jornalistas e pesquisadoras de agroecologia) que deram uma oficina na cidade de São Paulo, sobre agricultura urbana. Cerca de 50 pessoas compareceram e foi formado no Facebook o grupo Hortelões Urbanos (<https://www.facebook.com/groups/horteloes/>), inicialmente para viabilizar o contato entre os participantes. Espontaneamente, o grupo foi crescendo e atraindo pessoas de diversas partes do país. Um ano depois, chegou a 1.200 participantes. Hoje o grupo congrega 83.000 participantes (último acesso em 08/02/2022). Em conversa com Madalena Buzzo, conselheira do CADES-Pinheiros (Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz), Claudia Visoni comentou que diversos hortelões moravam próximos à Praça das Corujas e gostariam de criar uma horta naquele local. A subprefeitura apoiou a iniciativa e ainda hoje a horta está ativa e aberta. Por estar articulada ao grupo Hortelões Urbanos desde seu início se tornou um emblema do movimento. A horta das corujas fica no bairro da Vila Madalena, zona oeste da cidade de São Paulo. Dados coletados em <https://hortadascorujas.wordpress.com>.

da construção de relações de socialidade e afeto. Interessante também perceber nesses estudos como as redes sociais da internet atuam na articulação das ações dos diversos grupos.

Os estudos realizados no Brasil em sua maioria focalizam as hortas comunitárias de visibilidade e/ou as hortas individuais ou comunitárias de escala. Não encontrei nas minhas pesquisas, estudos voltados para os espaços mais “privados” como jardins e quintais e nem mesmo estudos voltados para iniciativas de pequenos espaços intermediários como os canteiros de calçadas e praças ou os espaços como lajes e varandas. Este me parece um espaço interessante para pensar, dado que estas práticas estiveram muito presentes nas minhas pesquisas anteriores no bairro dos Pimentas, em Guarulhos, e em alguns bairros da zona leste de São Paulo⁹ e por também terem a presença perene e longa na constituição da vida e da paisagem urbanas. Acrescente-se que no período em que fomos assolados pela pandemia de Covid-19, a questão da alimentação saudável, da produção do próprio alimento e outras justificativas como “conexão com a terra” surgem para reforçar o movimento em direção a essas práticas do cultivo no ambiente doméstico¹⁰. Embora este movimento de pequenas práticas de cultivo chame pouca atenção dos pesquisadores e pareça não interferir tanto na dinâmica urbana, nossa hipótese é a de que essa produção tem tanta relevância, no movimento de produção de formas de existência na cidade, quanto as hortas comunitárias, sejam de visibilidade ou de escala. A literatura mais recente existente trabalha com a ideia de retorno ou “retomada”, como no caso de Caldas e Jayo. Contudo, estamos tratando essa questão para pensar essas práticas mais na esfera da reinvenção, dado que, pelo que pudemos observar até aqui, nos bairros nos quais estivemos em pesquisa na região metropolitana de São Paulo, a prática do plantio em ambiente doméstico nunca cessou, assumindo novas formas e dinâmicas. Vejamos, por exemplo, como a diminuição dos lotes urbanos e a verticalização da ocupação provocou que o cultivo migrasse do chão para ser feito em vasos em sacadas e lajes, mas também se expandisse para áreas como calçadas e praças.

⁹ Dados obtidos na pesquisa preliminar para realização deste projeto e nas informações derivadas das pesquisas etnográficas anteriores nos bairros dos Pimentas, em Guarulhos, e em São Miguel Paulista, São Mateus e Guaianazes, em São Paulo. Sobre o Bairro dos Pimentas ver Barbosa (2014 e 2016)

¹⁰ Há uma profusão de matérias jornalísticas que abordam essa questão. Pesquisas apontam um aumento de 110% do consumo de insumos de jardinagem e plantas nas cidades. Ver, por exemplo, Plantas ganham ainda mais espaço na casa com a pandemia. *Terra*, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/plantas-ganham-ainda-mais-espaco-na-casa-com-a-pandemia,a6b1841102716d18772c5d2906a2b387srvw3o9x.html>; Pandemia de Covid-19 aumenta interesse dos brasileiros em jardinagem e horta urbana. *Revista Globo Rural*, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Colunas/Cassiano-Ribeiro/noticia/2020/06/pandemia-de-covid-19-aumenta-interesse-dos-brasileiros-em-jardinagem-e-horta-urbana.html>. Acesso em: 17 ago. 2021.

Não é incomum, em São Paulo, encontrar canteiros de bananeiras, ervas medicinais e culinárias em meio a plantas ornamentais¹¹ cultivadas pelos moradores nas calçadas.

Pensamos, portanto, esses espaços cultivados das cidades e o feixe de relações que os produzem e que são produzidas por eles, como um conjunto de elementos que nos ajudará a perceber as cidades que são produzidas nesses enredamentos. Partimos de uma prática etnográfica a partir de uma antropologia da cidade no sentido construído por Agier (2011), para quem a cidade não é uma definição a priori, “uma coisa que eu possa ver nem um objeto que eu possa apreender como totalidade” (Agier, 2011:38), mas sim uma construção relacional e contextual localizada nas práticas de seus cidadãos. Uma prática urbana complexa e inventiva como a que Michel de Certeau (1994 [1980]) enxerga, em *A Invenção do Cotidiano*.

Figura 1 — Bananeira plantada em calçada, São Paulo, SP



Fonte: foto da autora, 2021.

¹¹ Na verdade, essa distinção entre ornamental e comestível, muitas vezes, não é realizada nem por quem planta e nem por quem admira o jardim.

Figura 2 — Canteiros feitos com reciclagem de pneus em trecho de praça autogestionada em Guarulhos, SP



Fonte: foto da autora, 2019.

Figura 3 — Mamoeiro e vinagreira em canteiro em calçada, São Paulo, SP



Fonte: foto da autora, 2021.

Entre as formas de pensar e perceber a cidade a partir dos cultivos, procuro também compreender as articulações e os conflitos entre os sujeitos envolvidos, sejam eles pessoas vizinhas, o poder público, animais ou plantas. A nossa perspectiva é a que

se constrói ao nível da rua, a partir das percepções que se elaboram ao caminhar pela cidade e pelos quintais e jardins, com uma atenção voltada às tramas nas quais estes diferentes espaços de cultivo se inserem no processo de produção da cidade. É justamente pensar que vidas urbanas essas práticas de cultivo produzem, que nos guiou no processo etnográfico.

Muito do que se cultiva nos jardins e quintais privados (abundam ervas medicinais, temperos, PANCS¹² e frutas), circula pela vizinhança em forma de mudas, sementes, doação de folhas, flores e frutas para uso mais ampliado. Percebemos um movimento produtivo interno ao próprio quintal, mas também um movimento que parte dele para fora. Movimentos de contração e expansão tecendo as tramas que urdem tanto a constituição da pessoa quanto de uma vida social interespecífica. Estamos atentos a uma diversidade de práticas de cultivo no sentido de perceber como elas se articulam na produção de vida. Nos interessa compreender, justamente, esse emaranhado de circulação de vidas – humanas e não humanas (Ingold, 2012) – que produzem espaços de socialidade (Strathern, 2006) na cidade. Propomos, então, um exercício de atenção à perspectiva da produção de relações operada pela interação de vidas interespecíficas. Que relações seriam essas? como essa operação se constrói? De que vida urbana podemos, então, falar, a partir desta perspectiva.

No recorte da pesquisa que trazemos aqui, vamos nos concentrar na região metropolitana de São Paulo, em especial no Bairro dos Pimentas, em Guarulhos¹³, e na

¹² “Plantas Alimentícias Não Convencionais”, termo cunhado pelo biólogo Valdely Knup, em artigos a partir de 2008, e sistematizados em livro de 2014, para designar as plantas alimentícias de uso popular que são espontâneas ou são produzidas para a alimentação em nível doméstico e em pequena escala, como a beldroega, a trapoeraba e o caruru. Elas podem variar de região para região e inclusive, algumas espécies pouco usadas em algumas regiões e, portanto, não convencionais, podem ser usuais e convencionais em outras, como o exemplo da bertalha, vendida em feiras-livres no Rio de Janeiro, mas que em São Paulo, não é comercializada nas feiras comuns. O termo PANC hoje se tornou de uso corrente, mas encontramos trabalhos que usam o termo “plantas caipiras” para essas mesmas espécies.

¹³ O chamado Bairro dos Pimentas, na verdade é uma área formada por vários bairros da região leste do município de Guarulhos. A região teve, nos anos 1960, um grande crescimento populacional fomentado pela migração de trabalhadores do Nordeste para atuar na construção civil e nas indústrias da Grande São Paulo, e por trabalhadores que vinham de moradias alugadas, em áreas mais centrais do município de São Paulo, agora em busca da possibilidade da casa própria. Os bairros foram formados, em grande parte, por casas autoconstruídas e algumas ocupações. A região possui atualmente cerca de 150 mil habitantes e é a área mais populosa de Guarulhos. É nos Pimentas que está localizada, desde 2006, a Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo.

zona leste¹⁴ de São Paulo, onde caminhamos por quintais e jardins¹⁵. Espaços onde coexistem agentes diversos em interação contínua, produzindo afecções que reverberam para dentro e para fora desses espaços, tornando-se pontos de atravessamentos das relações construídas com e na cidade. É esse duplo movimento que nos interessa compreender.

Figura 4 — Quintal de D. Eliane, Guarulhos, SP.



Fonte: foto da autora, 2022.

¹⁴ A zona leste do município de São Paulo congrega vários bairros. É uma região extensa e muito heterogênea. Os bairros nos quais nos concentramos têm, em sua maioria, perfil popular. A região conta com cerca de 4 milhões de habitantes. Nesse momento, estamos trabalhando nos bairros de São Mateus e Vila Regente Feijó.

¹⁵ A pesquisa também se estenderá a localidades no Rio de Janeiro e ainda em Barcelona, Espanha, em uma perspectiva comparativa dessas práticas

Figura 5 — Quintal de D. Eliane, Guarulhos, SP.



Fonte: foto da autora, 2022.

Os quintais como presença nos processos de fortalecimento de vínculos de memória, gestão de si e conhecimento

Atentando para os movimentos que se produzem dentro dos quintais percebemos a relação entre as pessoas e as plantas acompanhando e muitas vezes expressando espaços de memória e movimentos de construção de identidades e pertencimentos. Vemos, por exemplo, mulheres e homens migrantes que, para produzir no seu quintal, trazem as mudas e sementes da sua terra natal num perseverante e intenso movimento de refazer-se. É o caso do feijão andú¹⁶ (*Cajanus cajan*), do milho (*Zea mays*), do cacau (*Theobroma cacao*). E, ainda, das ervas medicinais como o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), o guaco (*Mikania laevigata*) e o capim limão (*Cymbopogon citratus*) que povoam os quintais como parte do processo de adaptar-se a outras terras. Quando as plantas “vingam” e prosperam, são motivo de grande alegria e satisfação. “Veio de longe, mas tá aqui firme e forte” ouvi do Sr. João, interlocutor em Guarulhos, falando sobre o milho que plantou e que ouço como uma fala reflexiva já que ele mesmo veio muito jovem do interior da Bahia para se estabelecer e tentar a vida em São Paulo. O milho vingou e deu

¹⁶ Também chamado de feijão guandu.

semente para mais. Sr. João construiu uma vida em São Paulo. Fez casa, casou-se, teve filhos. “Me fiz na Bahia, mas cresci foi em São Paulo”. Muitas vezes essas mudas e sementes vem junto com as pessoas, na primeira mudança, e vão se renovando a cada visita a terra natal, como o feijão, o milho e as abóboras plantadas pelo Sr. Guilherme e D. Ivanilde que também vieram do interior da Bahia.

Todos com quem percorri os caminhos de seus quintais tinham uma experiência rural que consideram essencial preservar na vida de hoje na cidade, seja por “fazerem parte do que eles consideram sua formação como gente” ou por ser uma prática que alimenta a vida “dá trabalho, mas dá muito prazer”. Nessa experiência, os sentidos são fundamentais na maneira como constroem as relações com as plantas. Desde o cheiro, a textura, o sabor, a cor, até a evocação de experiências partilhadas por aquelas plantas. O chá para aliviar a tosse que a avó fazia. O gosto doce da fruta do quintal da infância. Albertina, interlocutora de São Paulo, afirma com convicção:

[...] se não tiver um pé de capim limão não é a minha casa. O capim limão está na minha vida desde sempre. Mamãe fazia para tomarmos antes de dormir. O cheiro enchia a casa e era a sensação de estar bem em casa que eu lembro.

Muitas vezes a ideia de habitar, no sentido de Lefebvre (2006), do espaço vivido, passa pela presença que algumas plantas produzem. As mudas carregadas na mudança ou buscadas com insistência para a configuração¹⁷ do quintal também são companheiras que não só atestam, como vivenciam junto o processo de transformação, estranhamento, adaptação ou não ao novo ambiente de vida. Eliane, nossa interlocutora e moradora dos Pimentas, nos mostrou muito feliz o pé de araçá-mirim (*Psidium guineense*) frutificando. Nos contou que queria muito essa árvore no quintal. Que demorou muito para conseguir a muda desta fruta que lhe lembra a infância em Duque de Caxias, município da baixada-fluminense, no estado do Rio de Janeiro. “O vizinho tinha muito e a gente pulava o muro para pegar”. Agora os filhos podem provar o gosto da “alegria da sua infância.” Um gosto que pertence a ela como o gosto da “madeleine” de Proust. Difícil alguém sentir com o mesmo sabor, mas sua presença no quintal, presentifica também um pouco de si e de sua trajetória de vida.

Ana Salles, agricultora orgânica e agrônoma atuante na região de Pindamonhangaba conta que em um dos quintais onde trabalhou, tinha um cacauzeiro

¹⁷ O quintal é um espaço vivo, dinâmico. Está sempre se fazendo e refazendo.

(*Theobroma cacao*) plantado e sua muda havia sido trazida da Bahia pela moradora da casa e “dona” do quintal, junto com sua mudança para lá¹⁸. Veio junto com os poucos pertences com os quais se faz uma mudança tão longa e cheia de incertezas. O pé de araçá-mirim, o cacaueiro, o capim-limão e o milho são exemplos, nesses contextos, da configuração do quintal como espaço de constituição de si mesmo na relação com o lugar, e nesses casos, a transformação da nova casa, bairro ou cidade em lugar de pertencimento. Uma produção que se faz no interior do quintal e que depende de múltiplas ações e relações desde conseguir/trazer a muda, buscar o lugar ideal para plantá-la, os insumos, os cuidados, a interação com o clima, com os bichos que também habitam o quintal e com a vizinhança humana. Essas interações nem sempre são tão pacíficas. Os insetos e pássaros são bem-vindos para a polinização e dispersão, mas esses “inquilinos”, como meus interlocutores os chamam, precisam ser observados para não comerem todas as frutas ou verduras. Alguns usam estratégias como pendurar CDs velhos como móveis que brilham ao sol em algumas áreas para afastar as borboletas para que não coloquem ovos em todas as verduras (e para que as lagartas não acabarem com as folhas). Outros ensacam as frutas deixando algumas para os pássaros. “Deixamos para eles, mas temos que comer também, não é?” diz Eliane de um jeito jocoso. Os animais domésticos que circulam pelos quites e espaços vicinais também são motivos para atenção e podem gerar conflitos entre a vizinhança humana. D. Nilcéa, que mora na Vila Regente Feijó, em São Paulo, coloca nos vasos varetas com vidrinhos vazios de remédio espetados como se fossem espantalhos para afastar os gatos dos vizinhos que teimam em dormir e urinar nas suas Amarílis (*Hippeastrum Hybridum*). O roubo de plantas também é mais comum do que imaginamos. D. Terezinha¹⁹, moradora de São Mateus, também na cidade de São Paulo, que costuma colocar vasos grandes na calçada em frente a sua casa, teve sua lança de São Jorge (*sanseveria cylindrica*) – “linda, com quase 1 metro de altura” – derrubada numa tentativa de roubo. “A planta ficou largada no chão a noite toda. Minha mãe ficou morrendo de raiva” me contou sua filha Márcia.

¹⁸ Entrevistamos Ana no dia 25 de maio de 2022. Ana Cristina Salles de Aguiar realizou entre 2008 e 2015 um projeto Agroquintais em Pindamonhangaba. Nos primeiros dois anos ajudou a implantar e acompanhou o desenvolvimento de cerca de 50 quintais agroecológicos familiares. Nos anos posteriores o projeto se voltou para a implantação de hortas agroecológicas e outras atividades educacionais em escolas públicas da cidade.

¹⁹ D. Terezinha foi entrevistada por Márcia Cristina Josefa da Silva (2022) para sua pesquisa de iniciação científica, que foi desenvolvida como parte dessa pesquisa.

Ana Salles percebeu, em Pindamonhangaba, que os quintais são “a cara do dono”. Não há um igual ao outro. E sua formação é um processo de conhecimento e reconhecimento de uma relação de alteridade que é múltipla, multidirecional e diversa. Tem uma ecologia própria, construída entre humanos, plantas, animais diversos e por elementos não biológicos como o clima e o solo. Há plantas que não prosperam em algumas experiências apesar de toda tentativa e conhecimento envolvido no seu cultivo. Há outras que “pegam bem” e prosperam no quintal com pouco manejo. Há aquelas que morrem porque “bateu um mau olhado nela”, há também aquelas que entristecem como a “Comigo-ninguém-pode” (*Dieffenbachia amoena*) que Ailton, um de nossos interlocutores que cultivava em vasos na varanda de seu apartamento, “herdou” da irmã falecida. Ele estava “trabalhando para curá-la da tristeza pela falta que sentia da irmã”. Nossos interlocutores têm um conhecimento sensível desta configuração delicada. E aqui me aproximo de Oliveira (2016) quando ela remete a ideia de lógica do sensível de Lévi-Strauss (1990 [1962]) a relação dos Wajãpi com as classificações botânicas, a construção dos corpos e a cura de doenças. Um conhecimento que constrói uma inteligibilidade a partir de uma percepção sensível do mundo. E como ligada a experiência concreta do ser no mundo, ela não é universal, pois está inserida em feixes de relações específicos. São modos de ver, ouvir, cheirar, tocar, provar que se fazem e atualizam nesse compartilhar de um ambiente como o quintal ou um quintal-ambiente, pensando ambiente nos termos de Ingold (2000).

As quintaleiras²⁰ e quintaleiros, atentos e engajados, com os quais caminhei pelos canteiros e vasos, descrevem como a forma e as vidas dos quintais vão se articulando a partir de vários movimentos. Desde doações de conhecidos e vizinhos que vêm em suas pessoas os “dedos verdes” ou a “mão boa” sempre disponíveis para cuidar de uma planta que está “quase morrendo” ou que também foi recebida de presente, mas o presenteado não vê como cuidar dela, até a compra (ou “coleta”) de uma muda de forma intencional, passando pelas mudas que brotam plantadas por atos não intencionais ou pelos passarinhos. D. Nilcéa, nascida no interior do estado de São Paulo, casou-se aos 17 anos e levou, já na mudança, um vaso de planta para a casa nova. A maranta (*Calanthe*

²⁰ O termo quintaleira/o surge nas minhas conversas com Ana Salles e com Claudia Visoni (entrevista realizada no dia 10 de maio de 2022), jornalista e ativista da Horta das Corujas. Surge também na fala de alguns dos meus interlocutores, embora não seja uma unanimidade. Ana fala que o termo quintaleira/o veio na busca de usar um termo mais local. Muito se usa o termo “hortelões”, que ela enxerga como mais vinculado a uma literatura internacional de quem cultivava na cidade em contraposição ao agricultor. A discussão sobre os termos é muito interessante, mas foge ao escopo deste artigo.

zebrina) trazida no vaso, há 70 anos, como parte do enxoval de casamento, agora vive na terra no quintal que D. Nilcéa cultiva há mais de 50 anos na Vila Regente Feijó. É um amplo quintal de cerca de 500 metros quadrados, com uma parte de chão de terra com várias árvores frutíferas a algumas plantas medicinais mais arbustivas e rasteiras e outra parte calçada e formada com canteiros onde ela cultiva plantas ornamentais que às vezes são surpreendidas por novas companheiras inesperadas como o pimentão que nasceu sem “propósito” pelo fato dela regar as plantas com a água com que lava os legumes para preparar suas refeições. O crescimento do bairro foi contornando o quintal de D. Nilcéa que, segundo ela, já teve galinhas, patos, coelhos e até cavalo. Hoje resistem os dois jabutis que vieram quando os filhos eram pequenos, há mais de 40 anos. D. Nilcéa é uma dessas pessoas que recebe muitas plantas de presente. Familiares, conhecidos e vizinhos a procuram para salvar ou acolher plantas. Em nossas caminhadas pelo seu quintal, ela reconhece e indica cada planta e como ela chegou ali, mesmo as “surpreendentes” são lembradas e ela narra como chegaram ali: se pelas suas mãos como o pimentão, ou plantadas pelos passarinhos como o almeirão roxo que brotou perto de um enorme pé de louro. Ela percorre o quintal diariamente. Às vezes mais de uma vez. Observa e cuida das plantas e aproveita para tirar mudinhas que também distribui para quem pedir. Ela admira o emaranhado de plantas de várias espécies juntas no mesmo canteiro, os fungos crescendo num tronco seco de coqueiro e diz: “assim é bom e é bonito, as plantas gostam de companhia, não gostam de ficar sozinhas”. Aliás, todo o quintal requer companhia, e companhia diversa. Todos os quintais que percorri possuem uma grande variedade de espécies botânicas e é isso que seus “donos” desejam, é por isso que se engajam. Quanto mais diverso mais vida ele abriga. “Olha como tem vida aqui!!!” é uma expressão que muito ouço de meus interlocutores. Há um certo encantamento com essa profusão de vidas sejam as plantas, insetos, minhocas, pássaros e outros bichos. Há uma qualidade estética nessa experiência de engajamento e encantamento. O quintal tem que ser bonito, mas é um bonito em movimento. Nunca é o mesmo e por isso a surpresa e o encantamento fazem parte da experiência dos “quintaleiros” e “quintaleiras”. Ele é um intenso feixe de conexões entre elementos que possuem ações e temporalidades próprias fazendo com que seu desenho seja sempre um movimento de reorganização e reconfiguração a partir das linhas traçadas por cada um desses seres em relação.

Figura 6 — D. Nilcéa e sua filha Elaine em caminhada pelo quintal



Fonte: foto da autora, 2022.

Figura 7 — Canteiro de D. Nilcea, Parque Reijente Feijó, São Paulo



Fonte: foto da autora, 2022.

Figura 8 — Detalhe do canteiro D. Nilcea com pimentão nascido do por ela jogar a água da lavagem dos legumes para molhar as plantas.



Fonte: foto da autora, 2022.

Figura 9 — D. Terezinha em seu quintal em São Paulo.



Fonte: Marcia Silva, 2022.

Figuras 10 e 11 — Plantas de D. Terezinha



Fonte: Marcia Silva, 2022.

Figuras 12 — Sr. Guilherme e seu cultivo, Bairro dos Pimentas, Guarulhos.



Fonte: foto sem data do seu acervo pessoal, compartilhada com a autora.

Figura 13 — D. Ivanilde mostrando as abóboras cultivadas em seu quintal. Bairro dos Pimentas, Guarulhos.



Fonte: Foto sem data de seu acervo pessoal, compartilhada com a autora.

Figura 14 — Eliane e Toninho em seu quintal, com as parreiras que cultivam ao fundo, Guarulhos



Fonte: foto da autora, 2022.

Figura 15 — Detalhe das parreiras, no quintal de Eliane e Toninho, Guarulhos



Fonte: foto da autora, 2022.

A ampliação do quintal a partir da circulação de plantas

O quintal parece existir como uma respiração em movimentos mais contraídos dentro da sua própria configuração e movimentos de expansão ampliando seu feixe de relações complexas para além do seu desenho interno. Nas caminhadas até aqui, a atenção se reteve nos movimentos internos de desenho e configuração dos quintais como um ambiente, uma paisagem. Mas também nos indicaram pistas para movimentos de expansão, levando o quintal para fora, expandindo a paisagem para outros horizontes. Frutos, folhas, mudas, sementes, chás, conversas, rezas, bichos e muito mais circulam na vizinhança, entre amigos e parentes. Por vezes, plantas que não são conhecidas passam a ser objeto de desejo e cultivo. Os frutos do cultivo passam a ser desejados e esperados pelos vizinhos estabelecendo uma circulação que percorre e enlaça a vizinhança. D. Ivanilde e Sr. Guilherme plantam em um terreno vazio na rua ao lado da que moram. O lote que virou quintal, de mais ou menos 150 metros quadrados, pertence à filha do casal, que inicialmente pretendia construir ali uma casa, mas que depois desistiu. Ambos vieram muitos jovens da cidade Malhada de Pedras, do interior da Bahia, para trabalhar em São Paulo e tinham boas lembranças do quintal da casa da família. D. Ivanilde lembra que passava um riacho bem no fundo da casa e que havia uma horta num canteiro elevado – para as galinhas não comerem – bem próximo a ele, que seus pais haviam construído. Ela gostava de cuidar da horta. Molhava as verduras com a água do riacho que pegava com um balde. Conta também das criações: galinha, cabra... do queijo que faziam..... uma

paisagem e uma ocupação diferente da que fazem hoje no lote da filha. Gostam de plantar. Contam com orgulho que plantam o que conseguem de sementes e mudas desde ervas aromáticas e medicinais como capim limão, manjerição roxo, hortelã, boldo e até milho, feijão, couve e abóbora. Há sementes trazidas da Bahia. Há alguns anos, produziram “muitos e muitos” sacos de milho no seu quintal, que além de ser consumido pela família foi distribuído para os vizinhos. Foi um ano muito bom de produção. “Nem sempre é assim”, nos contam. “A terra é muito dura e ruim, mas a gente vai plantando”. A fartura é um valor que surge em nossas conversas nos quintais. A diversidade tão valorizada é, por sua vez, associada a ideia de fatura. Ter fartura no quintal possibilita realizar as trocas com os vizinhos e parentes e estas são fundamentais na constituição tanto da vida no bairro, quanto da sua própria existência. D. Ivanilde conta que o mesmo aconteceu como o feijão andú que produziu bastante e pode ser distribuído para os vizinhos. Alguns deles não conheciam essa variedade de feijão e ela teve que ensinar receitas indicando como consumir. Em troca ela ganha várias mudas dos vizinhos. Dentre elas, D. Ivanilde lembra de uma parreira que plantaram, mas que não deu certo o cultivo ali²¹. Frustrada, mas resiliente, ela disse que ia tentar novamente porque acha uma planta muito bonita. O compartilhamento da produção do quintal sejam espigas de milho, folhas para um chá ou dicas de cultivo e cuidado é uma ação que alimenta o enredamento com o entorno.

Eliane e Toninho, construíram um quintal nos fundos de sua casa onde antes era área baldia com um córrego onde as pessoas jogavam lixo. Moram lá desde o início do loteamento da área nos anos de 1990 e participaram das mobilizações de vizinhança para que o bairro tivesse saneamento e as ruas fossem asfaltadas. Essa área onde hoje é o seu quintal, está emparedada pelos muros dos vizinhos de trás e dos lados. É uma área de cerca de 100 metros quadrados, onde eles cultivam um caramanchão com várias parreiras, outros 20 pés de frutíferas, além da horta onde já plantaram mandioca, verduras variadas dentre elas alface, couve, taioba, gengibre, cúrcuma e plantas medicinais como o guaco que sobe pela lateral da casa, formando uma enorme cobertura. A maior parte delas é

²¹ O plantio dar ou não dar certo são variantes com as quais os “quintaleiros” e “quintaleiras” lidam na sua prática dos cuidados cotidianos com o quintal. As razões podem ser as mais variadas e a observação sobre a qualidade da muda ou semente, das condições em que a muda foi plantada (qualidade e características da terra, insolação, luminosidade), como foi cuidada (como ela absorveu a água das regas, e como reagiu à adubação etc.) e suas interações com a profusão de seres que habitam o quintal (como “pragas” e insetos) é assunto para trocas também. Entre vizinhos e parentes, por exemplo, é muito comum a troca de receitas caseiras de adubação orgânica e controle de “pragas” que foram aprendidas com os mais velhos, ou mesmo, hoje em dia, na internet. Gabriel Holliver (2021) denomina seus interlocutores no semiário da região de Seridó (PB) “agricultores experimentadores” e faz uma discussão da “experiência” como forma de conhecimento que muito se aproxima da que faz Joana Cabral de Oliveira (2016), quando trabalha com a ideia de “lógica sensível”, de Lévi-Strauss, trazida anteriormente neste texto.

plantada em vasos. A transformação da área abandonada em quintal demandou muito trabalho e recursos. Eles, junto com os filhos e vizinhos, canalizaram o córrego e cobriram a área com terra para nivelar o terreno. “Foram oito caminhões de terra!” nos conta Eliane. “Mas hoje isso aqui é nosso oásis, nosso refúgio.” Eliane é fluminense e cresceu em uma casa com um grande quintal com muitas árvores frutíferas e muitas plantas. José, mineiro, mudou criança para o oeste do Paraná de onde veio ainda rapaz trabalhar em São Paulo e sempre gostou de lidar com a terra. Todo verão eles distribuem uvas para crianças e parentes da vizinhança. Em 2021, por exemplo, ela colheu “mais de 300 cachos de uva”, e “só usou adubo orgânico”, nos diz Eliane. Adubo que ela mesma produz com os resíduos da cozinha. Além das frutas, as plantas medicinais e de cura para alma como a guiné (*petiveira tetrandra*) e a vence-demanda (*justicia gendarussa*)²², estão presentes e são companheiras que circulam pela vizinhança construindo elos e alianças. O quintal produz alimentos, remédios, mas também produz bem-estar. Seja pela beleza, cheiros, sombra e cores, seja pelo espaço que se abre para convivência. O conflito entre vizinhos, embora ainda esteja presente na vida cotidiana, melhorou muito depois que o quintal foi construído e deixaram de jogar lixo atrás da sua casa. Eliane conta que cheirava muito mal e ela tinha medo de doenças. Agora é um espaço de alegria e os vizinhos respeitam. Ela me diz: “minha riqueza é meu quintal!”

D. Terezinha, nascida em Minador do Negrão, Alagoas, mudou-se para São Paulo aos 15 anos. Diz que gosta de plantas desde sua infância. Sua avó tinha plantas e ela gostava de cuidar delas. Hoje tem um quintal com muitos vasos com várias espécies de plantas ornamentais. Se define como uma apaixonada pelas plantas e é daquelas que observa os jardins e quintais quando anda pela rua. Pesquisa muito e diz ter se aperfeiçoado no cuidado com o tempo e a prática. Seu quintal chama a atenção e muita gente se detém para admirar e por vezes pedir uma mudinha (ou até tentar roubar o vaso inteiro como comentamos anteriormente). Nem sempre é possível dar a muda na hora. É preciso ver se a planta está com muda, produzir a muda, às vezes fazer pegar. Assim como D. Nilcéa, D. Terezinha é considerada “dedo verde” e se dedica muito a suas plantas. Sua filha, que hoje quer ter seus próprios vasos, diz já ter tido raiva de ter tantas plantas em casa por demandarem tanto cuidado. Além de fazer as mudas (o que demanda conhecimento e cuidado também) para doar, D. Terezinha também pede mudas para as vizinhas. Ela lembra de um cacto muito grande que estava na porta de uma casa vizinha,

²² Plantas utilizadas para benzeduras, banhos e proteção energética.

resultado de uma poda, que ela pegou com o consentimento da “dona” que o havia podado, para desenvolver uma muda em casa e de uma vizinha que ficou conhecendo por tê-la procurado para pedir folhas de uma ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*) “que de tão grande parecia uma árvore”. Depois de colher muitas folhas para preparar na refeição acabou por pedir uma muda para tentar plantar em sua própria casa.

Ingold (2012) nos diz que a antropologia procura compreender como os seres vivos habitam o mundo, ou seja, como constantemente estão produzindo a si mesmos a partir dos materiais do mundo sem uma finalidade predeterminada. Adotar a perspectiva etnográfica aqui descrita é aceitar a vida em movimento como foco do conhecimento e do ofício do etnógrafo. Nós e nossos interlocutores compartilhamos não somente a caminhada pelos seus quintais, mas também o habitar esse mundo urbano que é a Grande São Paulo. Com uma escala quase monstruosa com seus mais de 20 milhões de habitantes, a metrópole famélica abriga inúmeras formas de habitar. O habitar como espaço vivido (Lefevre 2006) construído por seus moradores e cidadãos se mostrou aqui nos quintais relacionada à ideia de construção da paisagem (Ingold, 2000). Uma construção operada pela atenção ao mundo e uma percepção que está em movimento como o mundo no qual ela se engaja. Uma percepção que não se dá somente a partir da relação entre mente e corpo, mas sim, numa relação do organismo integral enquanto este percorre e habita o ambiente. O movimento de habitar o mundo seria nos termos de Ingold, uma produção de “percebedores-produtores”, que ao caminhar, se locomover pelo ambiente e interagir com as pessoas e outras vidas, produzem feixes de relações, traça percursos e produz constantemente a si mesmo e ao mundo.²³

Habitar é necessariamente partilhar, como se partilham com e a partir do quintal, as plantas, os insetos, os vizinhos, outros bichos e outras formas de vida. O enredamento, que o habitar pressupõe, se constrói nesse movimento e é muito mais do que a soma de indivíduos independentes. É como uma “matriz relacional” como na ideia de socialidade proposta por Strathern (2006). Essa ideia de “matriz relacional”, produzida por uma infinidade de agentes, abre uma via em que podemos considerar o curso da vida incluindo humanos e não-humanos em relação. É, portanto, nesse sentido, que podemos dizer que o quintal produz vida social, produz uma forma de habitar a cidade. Ou seja, as vidas das plantas e outros seres que circulam por várias vidas, sejam humanas ou não, produzem e

²³ A prática etnográfica se produziria nesse mesmo movimento de invenção reunindo percepção e imaginação.

são fruto de uma série de relações que, por seu turno, produzem a construção de uma experiência de vida urbana.

Portanto, buscando essas relações e esse fluxo de vida que circula por entre quintais na cidade acabamos por nos afastar de como alguns problemas clássicos da Antropologia em especial aos estudos urbanos são comumente tratados: a distinção e categorização da cidade como um centro consumidor e não produtor de espécimes vegetais, uma distinção do que define a vida urbana da vida rural pela relação com a “natureza” e, uma separação entre natureza e cultura que está subjacente às demais.

Em campo Eddie, um jovem permacultor do interior da ilha de Mallorca²⁴, Espanha, me disse como que pensando alto: “eu acho que as plantas nos dirigem. Elas nos cultivam para que as plantemos e elas se desenvolvam dessa ou daquela maneira.” Nos quintais percorridos falas como “as plantas nos escolhem, nem sempre somos nós que as escolhemos” ou práticas como a de conversar com as plantas (ouvindo-as principalmente) corroboram com as ideias lançadas aqui. As afecções são múltiplas e multidirecionais e, na maioria das vezes, extrapolam outras lógicas que comumente se associam à vida na cidade. Não é à toa que o poeta Manoel da Barros declara que seu quintal é maior do que o mundo!

²⁴ Em conversa realizada em campo em janeiro de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício. Da habitação ao habitat. A questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 161-177, 2003.
- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BARBOSA, Andrea. Fotografia, memória e experiência. In: BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro da; NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). *A Experiência da Imagem na Etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2016.
- BARBOSA, Andrea. Pimentas nos olhos não é refresco: Fotografia, espaço e memória na experiência vivida por jovens de um bairro periférico de Guarulhos. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 1, n. 2 p. 103-110, 2014.
- BECHIMOL, Jaime L. Pereira Passos: *Um Haussmann Tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Turismo e Esportes, Departamento de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.
- CALDAS, Eduardo de Lima e JAYO, Martin. É pavê ou pacumê? Agricultura urbana em São Paulo em tempos de cidade linda. *Minha Cidade*, São Paulo, v. 18, n. 205, 2017.
- CALDAS, Eduardo de Lima e JAYO, Martin. Agriculturas urbanas em São Paulo: histórico e tipologia. *Confins- Revista Franco-brasileira de Geografia*, n. 39, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/18639#quotation>. Último acesso: 20 nov. 2019.
- CERTEAU, Michel de. *História do cotidiano I. Artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- EWART, Elizabeth. Fazendo pessoas, fazendo roças entre os Panará do Brasil Central. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 1, 2005.
- GIACCHÉ, Giulia e TÓTH, Attila. 2013. Agricultura urbana na região metropolitana de Barcelona. *Auê. Estudos de Agricultura urbana da UFMG*, 30 jun. 13. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B6xCNrU_EfzganczbWdRYjV3RTA/edit/. Último acesso: 10 jan. 2020.
- GLATRON, Sandrine e GRANCHAMP, Laurence (ed). Dossiê Environnement et citoyenneté. *Revue des Sciences Sociales*, Université de Strasbourg, v. 55, 2016.
- GLATRON, Sandrine e GRANCHAMP, Laurence (ed). *The Urban Garden City: Shaping the City with Gardens Through History*. Cham/Switzerland: Springer Editions, 2018.
- HENFREY, Thomas. Cultivating Community, Gardening Anthropology: Permaculture, Local Food and Engaged Research. Paper presented at the panel Crisis, Anthropology and the Garden: local resilience and alternative food production. *11th biennial conference of the European Association of Social Anthropologists (EASA)*, Maynooth, Ireland. 2010. Disponível em:

https://www.academia.edu/34549671/Cultivating_Community_Gardening_Anthropology_Permaculture_Local_Food_and_Engaged_Research. Último acesso: 10 jan. 2020.

HOLLIVER, Gabriel. Como Amar uma planta: experiência, diversidade e relações multiespecíficas no semiário paraibano. *VIII Reunião Brasileira de Antropologia da Ciência e da Tecnologia de 22- 26 de novembro*, 2021.

<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3841>. Último acesso em 05/01/2023.

INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 28, ano 4, 1994.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida. Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, v. 18, n. 37, 2012.

INGOLD, Tim; JANOWSKI, Monica. *Imagining Landscapes: Past, Present and Future*. London: Ashgate, 2012a.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes. 2015.

JAYO, Martin. Discursos de Agricultura urbana em São Paulo: Formação, profusão e captura, *Kultur: Revista intersdisciplinária sobre la cultura de la ciutat*, v. 6, n. 9, p. 157-176, 2019.

KASZNAR, Alice. Hortas na cidade: reflexões sobre rural, urbano e meio ambiente. *AMBIENTE. 30ª Reunião Brasileira de Antropologia*, João Pessoa, 3-6 ago 2016.

KINUPP, V.F. e LORENZI, H. *Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas*. São Paulo, Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

LÉFÈBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*, São Paulo, Centauro 2006.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus, 1990.

MACHINI, Mariana Luiza F. *Nas fissuras do concreto: política e movimento nas hortas comunitárias da cidade de São Paulo*. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) — PPGAS/FFLCH/USP, 2018.

MORAES, Camila Maria dos Santos. O aparente paradoxo da Favela Ecológica. IN: *29ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Natal/RN, 03-06 de agosto de 2014.

NAGIB, Gustavo. Processos e materialização da agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo: o caso da Horta das Corujas. *Revista Metrópoles*, São Paulo, v. 21, n. 46, 2019.

NAGIB, Gustavo. *Agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo: o caso da Horta das Corujas*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NAGIB, Gustavo. O espaço da agricultura urbana como ativismo: alternativas e contradições em Paris e em São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia Humana) — FFLCH/USP, 2020.

NAVÉS, Francesc. Prólogo. In: AROSEMENA, Graciela. *Agricultura urbana: espacios de cultivo para una ciudad sostenible*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012

OLIVEIRA, Joana Cabral. Feitos de semente e pedra: afecção e categorização em uma etnografia na Amazônia. *Etnográfica*, Lisboa, v. 20, n. 1, 2016.

REYNOLDS, Richard. *On Guerrilla Gardening*. Londres: Bloomsbury, 2008.

SILVA, Márcia Cristina Josefa. *Público, privado e vizinhança: praças, quintais e jardins traçados em relação, em um estudo de caso na região de São Mateus, São Paulo*. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica em Ciências Sociais) — EFLCH/Unifesp/CNPq, 2022.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina. Mentres insanas, corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

STRATHERN, M. No Limite de uma Certa Linguagem. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, 1999.

STRATHERN, M. O Gênero da dádiva. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.

STRATHERN, M. O Efeito Etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ZAAR, Miriam-Hermi. 2011. Agricultura urbana: algunas reflexiones sobre su origen e importancia actual. *Biblio 3W: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. 16, n. 944, 2011.

ZAAR, M. H. A agricultura urbana e a periurbana no marco da soberania alimentar. *Sociedade e Território*, Natal/UFRN, v. 27, n. 3, p. 26-44, 2015.